

Palestra do Guia Pathwork® n° 129
Palestra não editada
27 de novembro de 1964

VENCEDOR VERSUS PERDEDOR; INTERAÇÃO ENTRE O EU E AS FORÇAS CRIATIVAS

Saudações, meus queridos amigos. Deus abençoe cada um de vocês. Abençoada seja esta palestra. A palestra desta noite é uma continuação direta da série iniciada na última sessão.

Da última vez, falamos sobre os conceitos arbitrários ou/ou que todos os seres humanos têm. Eles são as próprias cercas que os mantêm aprisionados. Agora eu gostaria de discutir uma das maiores limitações, um dos mais comuns conceitos gerais ou/ou. É uma atitude em relação à vida de vencer ou fracassar. De acordo com esse conceito, ser um vitorioso significa ser implacável, egoísta, passar por cima dos outros, levar a melhor sobre eles, menosprezá-los. Não há espaço para consideração, gentileza, simpatia. Se essas emoções forem permitidas, o temido resultado é tornar-se um fracassado. Supõe-se que ser um fracassado significa ter altruísmo, sacrifício, bondade, gentileza, consideração. Os dois lados contêm o mesmo equívoco. Alguns adotam uma alternativa, outros preferem a outra. Cada um teme as consequências do outro lado de sua escolha. Nenhuma das duas escolhas é “melhor” ou “pior” que a outra. Ambas terminam com resultados idênticos de solidão, ressentimento, autopiedade, desprezo por si mesmo e frustração.

Quando duas pessoas têm um relacionamento íntimo, tendo cada uma feito a escolha oposta e ambas representando a mesma conclusão errada dos dois lados, o relacionamento apresenta tantos atritos que se torna sem possibilidade de conserto. Cada um ressentido no outro aquilo que teme e combate em si mesmo. O vitorioso teme seus impulsos de afeto autêntico, tanto quanto sua fraqueza e desejo de dependência. O fracassado teme seu ressentimento, seus impulsos egoístas porque, além de se esforçar por ser bom de acordo com conceitos falsos e limitados, com rígidos regulamentos externos, sua pseudossolução particular pode ser uma necessidade de aprovação total por parte dos outros. Ele pode ser incapaz de suportar qualquer tipo de crítica, mesmo que seja injustificada. O que esses dois mais ressentem no outro é sua própria tendência oculta ao lado oposto de sua escolha.

A maioria dos seres humanos tem esse falso conceito, pelo menos em alguma medida. Alguns a apresentam como um clima geral em relação à vida, outros apenas em algumas áreas. É um sentimento vago que, traduzido concisamente, significa “não posso ter tudo o que quero, sou um fracassado” ou “para não ser um fracassado, tenho de ser duro e desconsiderar os outros”. Este último está convencido de que também vai perder, a menos que sacrifique a necessidade de calor humano, de apreço, de amor. É um preço caro a pagar, mesmo se fosse verdade que, nessas condições, ele seria um vencedor. Mas só porque ele nunca se permite desconstrair, baixar a guarda, soltar-se em geral, não consegue perceber que essa é uma ideia falsa. Ele acredita que talvez tenha uma chance de vencer, desde que mutile seu próprio ser. Como dessa maneira certamente ele não pode vencer, sua negatividade aumenta e ele começa a duvidar de si mesmo, de sua força, de sua adequação.

É de grande importância, nesta fase do trabalho do caminho, detectar esse clima sutil que vocês emanam, no qual supõem, preveem e, portanto combatem de maneira improdutivo a possibilidade de perder ou de resignar-se com a derrota. Vocês acham que precisam ser o cruel para não ser o pobre, o tonto? Ou vocês se resignam com esse segundo papel, orgulhando-se de serem pessoas respeitáveis, quando na realidade simplesmente não ousam desafiar o mundo e as regras que parecem decretar que bondade significa privação? As duas atitudes envolvem inevitavelmente culpa e incerteza. Uma alternativa faz pesadas exigências ao eu, que não apenas são impossíveis de realizar, como destrutivas para todos os envolvidos. A outra faz exigências ao mundo e aos outros, para que recompensem o eu pela felicidade que ele sacrificou. Como ele não se permite agir e conquistar sua satisfação, os outros precisam fazer isso por ele, como recompensa por seu autossacrifício, por sua “bondade”. Essa exigência não pode ser satisfeita.

Esse conceito é tragicamente errado. É desnecessário fazer duas escolhas tão ruins. É trágico porque aquilo em que o homem acredita profundamente parece-lhe verdadeiro, à força de comportar-se de acordo com essa crença. Como sabem com relação às imagens, parece que as conclusões erradas delas sempre se confirmam. Quando o homem sacrifica a respeitabilidade para obter seus direitos e realizações, ou quando sacrifica estes para conquistar a primeira, nos dois casos ele perde as duas coisas.

A limitação de acreditar que apenas uma dessas duas alternativas existe é errada, porque de fato é possível afirmar seus direitos, tomar providências para obter o que desejam sem serem cruéis ou sem privarem alguém de alguma coisa. De fato, é necessário buscar o que querem. Mas convencer-se da conclusão errada e limitada os deixa com sentimento de culpa ao procurarem obter o que querem. Por isso, uma sutil corrente de não entrava o caminho.

Da mesma forma, é possível, de vez em quando, renunciar a uma vantagem imediata no interesse de uma pessoa amada, sem jamais renunciar a todos os seus direitos e vantagens. É de fato possível dizer sim a sua própria felicidade sem dizer não à consideração pelos outros. Quanto mais vocês estiverem convencidos, em todos os níveis do seu ser, desta verdade, tanto menos conflito encontrarão entre as vantagens do eu e as dos outros. Quanto mais aceitarem a realidade e ampliarem seus horizontes, tanto mais derrubarão uma cerca que vê a realidade como muito mais dura e áspera do que de fato é. As duas opções disponíveis, na verdade, lançam uma luz sombria sobre a vida. As duas são opções ruins; a decisão, portanto, é impossível. Nenhuma alternativa é preferível. Descobrir que essa escolha não precisa ser feita significa uma incrível libertação – libertação da culpa, da infelicidade, da frustração, da espera inútil por algo que os outros jamais poderão gerar para o eu, da fraqueza e da dependência, da necessidade de menosprezar os outros e triunfar sobre eles. Quando essa perspectiva maior da vida se abre e é assimilada pela sua consciência mais íntima, necessariamente vocês terão paz e certeza.

Para alguns de vocês, meus amigos, é possível sentir o clima sutil desta atmosfera – esta mais escondida atmosfera de ou/ou. O progresso contínuo no seu caminho os colocou frente a frente com esse clima que emanam. É uma atmosfera muito nítida, muito definida, que preenche todo o seu ser. No entanto, não é imediatamente perceptível quando vocês iniciam o caminho. Não é imediatamente acessível para a sua consciência, a menos que já tenham explorado as profundezas do eu mais interior.

Quando vocês adquirem essa percepção e descobrem determinadas áreas em que julgam que essa limitação é um fato – a inevitável desesperança decorrente de saber que vencer ou obter satisfação é impossível – passam a entender claramente porque estão insatisfeitos em algumas áreas, ou porque têm dificuldades, e porque é tão difícil e assustador, provocando ansiedade e tensão. É essa ideia falsa, muito negativa, que cria a dificuldade. Tragam à tona como são influenciados por esse falso conceito de vida. Traduzam as suas reações emocionais a esse respeito em palavras concisas. Analisem sua importância e depois comparem o resultado com a realidade da maneira que conhecem e vivenciaram em outras áreas, nas quais vocês apresentam mais saúde e mais realização.

Ficar frente a frente com esse clima, essa expectativa interior da vida, é um passo da maior importância na evolução de uma pessoa. A plena percepção das perspectivas limitadas, de sua importância e efeitos, representam uma grande transição interior. O resultado dessa transição é renunciar a essa escolha limitada. Significa conhecer a verdade de que uma coisa não exclui a outra, de que tanto o amor e a autoafirmação são possíveis – ou melhor, interdependentes. Depois disso, vocês podem pensar em muitas outras escolhas relativas a qualquer questão. Verão como a verdade a esse respeito sempre existiu. Ou seja, tentar buscar o que deveria ser de vocês sem hesitação e culpa e, ao mesmo tempo, abrir-se à outra pessoa, deixa de parecer uma contradição. De fato, vocês verão que quanto mais se abrem para sua própria realização, mais aceitam a realização dos outros, estando dispostos a ajudá-los nesse sentido. Inversamente, quanto menos acharem que merecem a realização, fechando-se por causa de falsos conceitos, tanto mais, automaticamente, impedirão a realização de outros. Nesse caso, vocês precisam privar os outros para poderem se realizar. Como poderão dar algo se, em sua opinião, vocês não têm direito e não se importam com aquilo? Depois dessa transição, vocês experimentam outra vez a grande verdade que elimina a exclusão recíproca. De ou/ou, vocês passam para uma consciência de plenitude e inclusão.

Meu conselho é examinar isso em vocês como um conceito geral sobre a vida, e também em áreas específicas da sua personalidade. A tendência do homem de fugir da realidade baseia-se muitas vezes não no fato de ele não poder enfrentar aspectos desagradáveis dela, mas com igual frequência, num nível mais profundo, no fato de ele temer a felicidade, a realização, a plenitude da vida. Para concretizar a expansão pessoal e a autoexpressão, com o decorrente contentamento, é necessário aproveitar os recursos interiores, descobrir a fonte de força divina bem no fundo da psique – com toda sua verdade e amor. Mas, para muitos, isso parece uma empreitada tão impossível e perigosa, que eles alegam que a vida é lúgubre e sem esperança, e por isso se apegam a outros para apoiá-los e salvá-los, no lugar de prescindirem dessa falsa salvação. Talvez eles se orgulhem de seu realismo. Muitas vezes, parece mais realista aceitar o sofrimento e a dor do que permitir a vida construtiva e a possibilidade de ser feliz. Com muita frequência, isso é considerado falta de realismo. Para muitas pessoas, é muito mais difícil aceitar que a vida pode abranger tudo, ter sentido e ser bela, porque isso exige a coragem de encarar a verdade do eu.

Na medida em que a verdade é encarada e entendida, vocês passam a ser criadores, criadores de sua própria vida, e assim dão prosseguimento ao processo criativo do universo. Não há limite para até onde podem ir na expressão da beleza, sabedoria, felicidade, realização, produtividade – para vocês e para outros. Na medida em que se livram desses conceitos ou/ou, nessa mesma medida o medo cede lugar à verdade, e nessa mesma medida vocês se expandem. Todos os seus processos vitais psíquicos se voltam para fora. A sua individualidade se amplia e expressa a beleza potencial que é a vida. A sua prontidão e preparo para expressar o processo dinâmico da vida, com sua mara-

vilha e contentamento, transformam a maravilha e o contentamento em realidade, pois nesse momento vocês são receptivos à verdade.

Para que isso se concretize, é importante entender e expressar o equilíbrio adequado entre o eu e os poderes universais, constantemente em ação em qualquer processo criativo. Como eles interagem com o eu? Em que medida o eu participa? Em que medida os poderes universais participam? Esse equilíbrio é essencial para que o processo criativo ocorra, quer isso signifique a criação de um ser vivo, uma obra de arte, ciência, ou a formação de um relacionamento, ou a criação de um determinado estilo e clima no seu destino pessoal. Todos esses são processos criativos e requerem os poderes criativos. Sempre que há criação, os poderes universais estão em ação.

É comum o homem ficar confuso a esse respeito. De alguma forma, ele sabe ou percebe que, sem esses poderes criativos, nada de valor poderia passar a existir. Por outro lado, toda filosofia esclarecida lhe ensina que ele é o senhor do seu destino; que ele deve criar sua vida de acordo com suas inclinações; que a felicidade ou a infelicidade são o resultado de sua personalidade, suas crenças, suas atitudes e conceitos. Mais uma vez, ele está diante de uma situação ou/ou. Ele acredita que precisa fazer uma escolha entre desconsiderar esses poderes criativos, e apenas confiar em sua mente e vontade exteriores, o que não vai levá-lo muito longe. Ou ele absolutamente não confia em si mesmo, externalizando os poderes universais na forma de uma divindade exterior, que sempre acaba por decepcioná-lo. As duas alternativas são decepcionantes porque resultam do mau entendimento, da exclusão, da limitação, com o resultado adicional de impossibilitar a confiança no eu ou em Deus. O equilíbrio entre a adequada interação entre a mente autodirecionadora e os poderes universais criativos é rompido no momento em que passa a ser uma questão de uma coisa contra a outra.

Para entender o equilíbrio adequado, é necessário entender a função de ambos. A parte que o eu tem a desempenhar é querer o que é direito e construtivo. Não estou falando em termos moralistas. Pode ser qualquer realização humana, simples, que o homem anseia intensamente e que ele deveria experimentar se não estivesse condicionado a acreditar que a felicidade pessoal é egoísta ou cobra dele um preço que ele é incapaz de pagar, ou que parece não valer a pena. Toda felicidade básica precisa fomentar não apenas a autoexpressão, a expansão e a manifestação do divino, mas fazê-lo também para outros à volta dessa pessoa. Se o homem manifesta seu potencial inerente, tudo e todos com quem ele entra em contato são afetados de maneira positiva e construtiva. Quanto mais intenso o contato, maior o efeito. Isso se aplica à felicidade em qualquer forma, não apenas a algumas formas.

Querer superficialmente não basta. Achar que o que você quer está garantido porque isso parece evidente não basta. Deixar o desejo em uma névoa embaçada, indistinta não é suficiente. Todas as contracorrentes inconscientes de quaisquer equívocos existentes precisam ser expulsas. Eu já disse muitas vezes que, quanto mais tenso e vigoroso o desejo, mais existe uma contracorrente inconsciente. O querer verdadeiro e descontraído de um resultado desejado só pode ocorrer quando vocês descobrem e eliminam as reservas, limitações, dúvidas inconscientes e desejos opostos. Se vocês têm medo de não conseguirem o resultado desejado, de alguma forma e em algum lugar da sua psique vocês têm medo do resultado desejado. Descobrir essa contradição representa uma grande libertação e um passo gigantesco no caminho da realização.

Talvez vocês perguntem por que teriam medo da felicidade. Vocês podem ter medo, por exemplo, do abandono, medo de que o contentamento os faça perderem o controle sobre si mes-

mos. Vocês podem ter medo de alguma obrigação decorrente da felicidade. Ou vocês podem ter medo da sua inadequação para obter ou manter a felicidade. Evidentemente, querer um objetivo não exclui o fato de inconscientemente alguma coisa dizer não. Portanto, quando eu digo que a parte do eu na interação mútua com os poderes criativos é querer de maneira total, nem sempre isso é simples como parece. De que maneira ocorre o querer, que movimentos de alma acompanham esse querer – tudo isso precisa ser averiguado. Para chegar a esse ponto, dois fatores são necessários. Um deles é explorar as suas reações mais sutis a esse respeito – onde e por que dizem não àquilo que mais querem. E vocês sabem que dizem não quando o resultado não se concretiza. O segundo fator é enunciar claramente, com todo o seu ser, aquilo que vocês querem. Observem seus reflexos interiores ao fazerem isso. Vocês estão descontraídos quando enunciam o desejo? Ou estão tensos e temerosos? Estão confiantes ou sem confiança? Supõem que é possível ou que é impossível? Se derem respostas verdadeiras a essas perguntas, observando os movimentos da alma, estarão mais perto de eliminar os entraves do que quando os ignoram e acham que essas contracorrentes não existem em vocês.

À parte desse querer total, descontraído, sem premência, compulsão, tensão e medo, é necessário que o eu saiba a verdade, como falamos na palestra relativa a esse tema. Neste contexto específico, o significado seria esse. Se desejam uma determinada realização e não a têm – seja uma questão geral, como sucesso na carreira, saúde, um relacionamento proveitoso, bons amigos, a libertação de um problema interior ou um elo na cadeia para atingir qualquer um desses resultados, descobrir e eliminar os obstáculos, das atitudes que os entravam – vocês precisam saber que vivenciar a realização está dentro do plano da criação; que é bom e certo para todos os envolvidos; que não existe nada destrutivo ou errado com isso, mas que é algo bom e certo. Vocês precisam pensar nos seus efeitos sobre vocês e os outros de todos os pontos de vista imagináveis, para se convencerem de que o seu desejo e esforço são construtivos. Vocês precisam ver que toda generalização que tiverem feito sobre por que não seria assim (talvez devido a uma imagem de massa real ou imaginada com suas proibições) não tem justificativa, nem lógica, nem sentido. Essa convicção vai fortalecer o seu desejo, vai eliminar as reservas. Vai remover a falsa culpa que os levou a optarem pela privação. Vai tornar possível declarar firmemente que desejam ter aquilo, que sabem que isso depende de vocês, e que não apenas desejam, mas sabem que vão ter. E terão na medida em que eliminarem a dúvida e a negatividade. Declarem que seus resultados precisam ser benéficos para vocês e para outros. Visualizem como isso vai acontecer. Fortaleçam a sua vontade de modo a eliminar todos os obstáculos interiores, todas as falsas ideias que os mantêm prisioneiros. Na medida em que estiverem descontraídos e decididos ao fazer essa declaração, vocês chegam perto da realização; nessa mesma medida cumprem a sua parte na transação; nessa mesma medida vocês automaticamente colocam em movimento os poderes criativos. Isso inevitavelmente gera resultados, e esses resultados lhes dão a justificativa para se entregarem a esse processo criativo. Vocês confiam na sua capacidade de cumprir a sua parte do trato, e confiam que os poderes cumprirão a deles. Na medida em que confiarem em ambos, fatalmente colherão os frutos. Quanto mais confiarem, mais resultados obterão, de modo que terão uma razão melhor ainda para confiar. Assim se instala um círculo benigno.

Além disso, é preciso que o eu convoque, de maneira propositada e consciente, as forças universais criativas, não apenas para ajudar, guiar e inspirar vocês a cumprirem a sua parte do trato, eliminar todos os obstáculos e reservas, mas também para fazer aquilo – seja o que for – crescer. Esses poderes somente podem ser acionados por meio da consciência. O homem tem a opção de deixar acontecer automaticamente, deixar sua atitude inconsciente afetar a força vital criativa, ou propositadamente determinar a direção em que quer que a força trabalhe. A mente autodirecionado-

ra põe em movimento as forças universais. Elas respondem de acordo com a direção fixada pela consciência. Uma vez feito isso, uma vez que a personalidade cumpra as condições necessárias, ela nada mais tem a ver com o processo criativo. As forças assumem o controle e sabem exatamente o que fazer em qualquer momento dado.

Por esse ângulo, fica claro que não é uma contradição quando ouvem dizer que são responsáveis por seu destino e que forças fora do seu alcance completam o processo criativo. Esse mesmo princípio existe em toda parte. Por exemplo, comparem-se com um jardineiro. Ele prepara o solo, mas não faz a planta crescer. Preparar a sua consciência equivale ao jardineiro preparar o solo. Eliminar conceitos errados equivale ao jardineiro arrancar ervas daninhas. Afastar bloqueios equivale a afastar pedras no solo que atrapalham a expansão das raízes e mais tarde das plantas. Implantar conceitos verdadeiros equivale a plantar as sementes. Cultivar a atitude apropriada e esperar com paciência até ela criar raízes e os frutos brotarem equivale ao jardineiro cuidar do solo, verificar se ele tem luz, umidade e nutrição suficiente. O jardineiro, assim, faz a sua parte, dando origem ao processo criativo, possibilitando sua ocorrência. Mas não é o jardineiro que possui a capacidade de transformar uma semente em árvore, em fruto ou flor. Se ele quiser uma determinada planta, precisa semear uma determinada semente, mas não cabe a ele finalizar o crescimento. Não há nada no mundo que ele possa de fato fazer para que a semente evolua para planta. Está em ação um processo criativo que, sem dúvida, exige a cooperação dele. Existem algumas condições que somente ele pode satisfazer, mas isso tem um limite. Depois, a natureza é que faz a sua parte.

Muitas vezes o homem deseja um resultado específico, mas o que ele semeia na consciência é a semente do resultado oposto. Ele passa, então, a desconfiar da vida. Se ele vir como traz à tona exatamente o que semeia, mesmo o resultado negativo, devido a causas negativas, sua confiança no princípio do processo criativo será fortalecida.

O mesmo princípio vale para o processo de cura do corpo. Quando vocês cortam a pele, precisam lavar a ferida para que a sujeira não provoque envenenamento e impeça o processo de cura. Vocês cuidam da ferida para ajudar a ação das forças curativas.

Se vocês considerarem qualquer processo criativo, no plano físico, mental ou espiritual, encontrarão o mesmo princípio, o mesmo inter-relacionamento. Sempre existe um período de crescimento, cuja duração depende do tipo de semente plantada. O mesmo acontece no plano da mente. Quando vocês plantam uma semente de um resultado que o eu mais profundo não aceita totalmente, ou se existem há um bom tempo contracorrentes poderosas, o período de incubação, de crescimento silencioso por baixo da superfície é maior do que quando vocês plantam alguma coisa para qual a sua consciência já está pronta e preparada. É comum o homem se desesperar e deixar de acreditar por ignorar o período de crescimento. Assim, ele arranca a semente que plantou.

A mútua interação entre o eu e as forças criativas instala um equilíbrio perfeito entre a atividade do eu (satisfazendo todas as condições enumeradas) e a passividade (deixando que os poderes universais façam sua parte, confiando o eu a eles), esquecendo totalmente o eu, em compromisso total com elas.

Quando encontrarem esse equilíbrio certo, nenhuma satisfação estará ausente da sua vida. Haverá harmonia na sua alma. Vocês não serão excessivamente ativos, por um lado, achando que precisavam fazer tudo, nem serão excessivamente passivos, entregando-se a um Deus falso, externalizado

(externo), a quem cabe fazer o trabalho por vocês. Quando há o equilíbrio certo, existe uma atividade perfeita de maneira descontraída, sem tensão, estimulante, harmoniosa. Existe responsabilidade perfeita por si mesmo e o reconhecimento de que vocês são os senhores de sua vida, que tudo depende de vocês, da maneira como prepararem o solo. Também haverá um senso adequado dos limites das suas funções e poderes, a humildade de confiar o eu aos poderes que estão além dos confins do eu. Isso aumenta o eu e seus poderes, porque ele usa a força vital como ela foi feita para ser usada. Isso significa o conhecimento adequado da criação que constantemente ocorre em vocês e à sua volta.

Vocês colocam em movimento o processo criativo da maneira mais maravilhosa quando sabem que existe a possibilidade perfeita como potencial e, portanto, como um fato ainda por se concretizar. Esse conhecimento torna possível a sua concretização. Esse conhecimento torna possível permitir que os poderes criativos entrem em vocês, derrubando a parede de dúvida, medo, ignorância. Chega um momento em que vocês de fato sentem e experimentam essa parede e conseguem empurrá-la, abrindo-se para a criação com suas inúmeras possibilidades. Esse ato a princípio desperta medo, depois é praticado como uma experimentação, e depois é vivenciado como a chave da identidade. Conquista-se o eu ao não evitar a responsabilidade e ao deixar para trás a mentalidade estreita, ao comprometer-se e dar-se plenamente.

Normalmente, existe uma situação inversa. O eu é preguiçoso, não quer assumir a responsabilidade necessária, não quer fazer o que precisa ser feito para obter um resultado desejável para levar uma existência significativa. Onde deveria reinar a atividade, existe passividade. E onde o eu precisa sair de cena para deixar que a inteligência cósmica atue, a atividade é mantida, o eu fica muito ocupado, desconfiado, resistindo surpreendentemente.

Quando a pessoa restaura o equilíbrio, as cercas desaparecem. A expansão do eu se torna verdadeiramente ilimitada. Ela será tão ilimitada quanto sabem que o universo é ilimitado. Vocês podem concretizar esses potenciais ilimitados. Isso é uma verdade. Não é um desejo quimérico. (*wishful thinking*). Não é fuga do eu.

Quando meditarem, meus amigos, e aceitarem um conceito verdadeiro, primeiro nas regiões exteriores da mente, eliminando as obstruções e correntes negativas, aos poucos esse conhecimento da verdade se espalhará para as camadas mais interiores do seu ser de modo que a psique como uma bela flor, se abrirá para os raios do sol. A verdade que embeber cada camada irá nutri-las e proporcionar-lhes uma nova vitalidade que percorrerá o organismo. Em momentos de profundo reconhecimento, essa situação pode ser nitidamente sentida. Se antes vocês estavam fortemente amarrados, agora estarão prontos para a liberdade e a luz que a infusão da verdade sempre acarreta.

Querem fazer perguntas? Tudo o que eu disse ficou claro?

PERGUNTA: Na minha cabeça está claro, mas não muito. Esse sempre foi meu problema e eu não consigo entender. Por exemplo, a semente é colocada na terra e tudo está preparado. A semente vai brotar sem oração. Já ouvi e li que quando alguém ora pelas plantas, elas brotam melhor do que quando as plantas são deixadas sozinhas. Portanto, quando eu planto no meu subconsciente o que realmente quero, ainda acho que não pode brotar. Mesmo que eu ache que possa fazê-lo, lá no fundo acho que não pode brotar. Minha dúvida me faz achar que eu não posso fazê-lo nem quando convoco as forças universais.

RESPOSTA: Para começar, você acha que é um fracassado. Em primeiro lugar, quero que você entenda o que realmente significa a prece. Significa endireitar a sua consciência, bem como as suas atitudes, conceitos, pensamentos e sentimentos inconscientes. O espírito verdadeiramente integrado não precisa orar nem meditar. Toda respiração é uma prece na medida em que é uma expressão da personalidade inteira, que está unida à verdade, ao amor, à finalidade, à criação – a todas as forças universais que inevitavelmente fluem através dele da maneira mais construtiva. Orar significa moldar uma massa informe de pensamentos e conceitos vagos, de emoções contraditórias. Significa impregnar o eu com a verdade, para que a pessoa conheça a verdade. Portanto, as forças universais podem fluir automaticamente através da sua consciência.

Quanto à sua dúvida, é importante você admitir o fato de que tem medo de renunciar à dúvida. Nem é preciso dizer que isso se deve a uma conclusão errada. Mas existe uma razão muito nítida pela qual você se sente ameaçado, realmente em perigo sem a dúvida. É como se a dúvida fosse uma arma indispensável para você. Ao combater a dúvida da maneira direta como tem feito, você dificilmente terá êxito, porque tem medo demais de livrar-se dela. É necessário determinar (1) que você tem medo de se livrar da dúvida, (2) estabelecer a conclusão errada específica, a razão pela qual você age assim. Pergunte em suas meditações: “Por que eu quero duvidar? O que eu tenho medo que aconteça se eu não tiver nenhuma dúvida?”

Além disso, também vai ajudar – a todos vocês, meus amigos, porque isso é geral – perceber que a dúvida só é mantida porque o compromisso dá medo. Alguns de vocês começaram a descobrir isso no trabalho pessoal. Mas toda a extensão do medo precisa ser entendida com mais profundidade e em todas as suas consequências. Comprometer-se e confiar o eu aos poderes universais (bem como com relação a qualquer pessoa ou causa) provoca medo porque a decepção é considerada certa. Assim, a pessoa joga um jogo consigo mesma. Ela age como se acreditasse na possibilidade de um resultado favorável, mas na realidade não acredita. Ela duvida tanto dessa possibilidade que nem mesmo está disposta a testar ou arriscar. Sua dúvida significa “finjo que é um talvez, mas estou convencido de um não certo, que não estou disposto a enfrentar, para que poder continuar fingindo.” Desta forma, a falácia do não, bem como do talvez, jamais pode ser provada. A pessoa fica eternamente em “situação temporária”, na periferia do ser e do viver. Jamais se assenta para viver a sério, para verdadeiramente confrontar qualquer problema em sua totalidade. Fica brincando com a teoria, em vez de dar um passo e passar da teoria à prática.

O compromisso é um tópico importante em relação a qualquer coisa. Vocês obtêm da vida exatamente na medida em que se comprometem com ela, quer isso signifique moldar e criar a sua vida, comprometendo-se com as forças universais que cooperam com vocês, ou signifique um compromisso com um empreendimento, uma pessoa ou um relacionamento. Não faz diferença o que é. Se vocês se comprometerem apenas com reservas, sempre à espreita para ficarem “seguros”, negociando e contendo-se, o retorno da vida será proporcional. Não se pode trapacear com a vida. É a única coisa que de fato não pode ser nunca, jamais objeto de trapaça ou engano. E é por isso que o cego acredita sempre que pode “se virar”. Ele se contém esperando que a vida primeiro lhe dê uma fatia grande e depois, talvez, ele possa retribuir algumas migalhas. Muitos dão muito mais do que seria construtivo ou proveitoso a outros, por uma única razão inconsciente – querer trapacear com a vida, obter mais dela do que estão dispostos a dar e a se comprometer. Não é assim que funciona, meus amigos.

O compromisso de todo o coração desperta tanto medo porque se acredita, erradamente, que ele exige renunciar à sua inteligência, aos seus direitos, à sua razão, à sua autopreservação, à sua capacidade de escolher, à sua autodeterminação. Isso não é verdade. Simplesmente significa integridade total, propósito direto, sem fugas, sem motivações encobertas, fazer a coisa pela própria coisa, sem subterfúgios. Não significa tolice cega, e sem dúvida não deixa a pessoa indefesa diante de abusos. Muito pelo contrário. O compromisso total pressupõe escolha de olhos bem abertos, liberdade de fazê-lo sem compulsão, conflito, nem culpa. Mas essa escolha requer muita consciência. A pessoa não pode ser consciente se ela foge de si mesma. A consciência em geral é resultado da consciência de si mesmo. Portanto, o início deve ser olhar verdadeiramente o eu, num corajoso exame das reações emocionais mais entranhadas. Depois, a percepção da vida e dos outros cresce concomitantemente. E conseqüentemente, por meio dessa consciência, razão, visão e liberdade de escolha, o compromisso não é um processo perigoso e autodestrutivo, não é uma compulsão ou um impulso cego, e sim uma maravilhosa extensão do eu, uma busca da vida e dos outros, em direção à realização do eu e dos outros. Este é o poder real e saudável resultante do crescimento espiritual. Esta é a autossuficiência que não exclui o amor e o profundo relacionamento com os outros. Este é o ponto preciso em que ter uma postura firme e amar, ou ser autossuficiente não se excluem mutuamente, e tampouco ser autossuficiente e ter uma interdependência saudável – seja com as forças cósmicas ou com outros seres humanos. Mas o compromisso precisa existir, caso contrário você ficará pobre e vazio. Ficou claro?

PERGUNTA: Sim, ficou claro. Eu já havia descoberto isso no meu trabalho particular sobre compromisso. Agora eu sei que nunca me comprometi de fato, com coisa alguma, por medo. Mas aqui eu acho que posso me comprometer, mas tenho tanto medo de me comprometer e não resultar em nada, fico tão perdido que não ousar dar esse passo.

RESPOSTA: Está vendo, é exatamente o que eu disse. É exatamente pelo mesmo motivo que você nunca ousou se comprometer com nada. E é precisamente a razão pela qual você se sente insatisfeito nas áreas importantes da sua vida. Mas agora que você sabe, vê, observa e entende isso, você pode não apenas aumentar o entendimento dessa causa e efeito, mas saber que ela é a chave para mudar a atitude de não compromisso para uma nova atitude de compromisso.

A sua impaciência arranca todas as sementes que você planta. Como você duvida, você é impaciente, conclui muito depressa que os resultados serão negativos, e assim não deixa o tempo necessário para a incubação, ou para o crescimento subterrâneo, interior, invisível. Quanto mais complicado o problema, mais arraigados são a negatividade e o conflito, e mais indiretamente as forças curadoras precisam trabalhar de elo em elo até que se possa lutar pelo resultado final. Por exemplo, quando você encontra dúvida, é preciso primeiro considerar essa dúvida, dar atenção a ela, tratá-la, eliminá-la, entender sua causa e efeito, antes de poder chegar ao objetivo que quer atingir, mas não pode por causa da dúvida. Quando você deseja uma grande satisfação e ela está bloqueada por inúmeros pequenos equívocos, eles precisam ser atacados um a um. Caso contrário, as obstruções não são removidas e o trabalho para atingir o resultado final não pode ser bem-sucedido. Muitas vezes isso não é levado em conta, o que aparentemente confirma a dúvida.

E agora que você sabe o que acabou de afirmar, pode se convencer de que é insensato continuar com a linha de não compromisso. Você não é um joguete dessa linha nem da sua dúvida. É necessário aproveitar a oportunidade de descobrir a verdade, mesmo que a verdade seja o que você teme. Você precisa amar a verdade acima de tudo, em vez de preferir um “talvez” – e jamais chegar

a um acordo com a vida. Se você amar a verdade acima de tudo o mais, a esse e a qualquer outro respeito, você também deixará de ser impaciente. Você vai caminhar passo a passo e respeitar o tempo – como o cientista que, paciente e laboriosamente, pesquisa sem se deixar abater pelo esforço, tempo, testes, ensaios, erros. Ele toma a decisão de seguir esse procedimento. Não espera que a maior verdade surja de uma hora para a outra. Não diga que você já dedicou muitos anos a isso. Eu sei. Não se trata do número de anos que você trabalhou o não compromisso e a impaciência. É a qualidade do compromisso pleno com a concomitante e paciente experimentação de um elo a outro. Somente isso trará resultados. Nem os anos nem a quantidade de esforço podem substituir o pleno compromisso interior. Como muitas vezes o homem exagera, dando aos outros mais do que se justifica, e não dando de si mesmo à vida, também ele pode substituir o pleno compromisso por sofrimento, trabalho, esforço e longos anos.

As forças universais têm apenas um objetivo, que é a integridade, a saúde, o desenvolvimento, a expressão dos aspectos divinos. Elas se esforçam para curar onde existe distorção, para tornar íntegro e completo onde existe incapacidade e vazio. Quando as obstruções são grandes demais, esse mesmo poder se desvia e aparece temporariamente como um poder destrutivo, um movimento descendente. Isso não significa que exista outro poder, um poder do mal, em ação. É a mesma força benigna que foi obrigada a fazer um desvio. Esse princípio do crescimento é evidente depois de ser totalmente considerado e entendido. Nesse momento, pode-se observá-lo em ação em toda parte, à volta de vocês. Vocês não vão confiar menos nesse princípio do crescimento porque é preciso um certo intervalo de tempo para a semente se transformar em árvore. Não é diferente com as questões da mente e do espírito.

Procurem trabalhar com esses movimentos da alma, com os conceitos que expus, sempre, em primeiro lugar, descobrindo e desfazendo os equívocos. Não imponham os conceitos certos, mas analisem e comparem, com seu próprio raciocínio, o que é verdade e o que é erro.

O que aguarda todos vocês é a realização pessoal, a expansão total. Este é o seu destino. Cada um de vocês, mais cedo ou mais tarde, vai entender que a vida é o que pensam que ela é, temporariamente; e ela é o que sabem que ela é, em última análise. Isto significa que o potencial e a possibilidade, mesmo na esfera terrestre, é uma felicidade indescritível. Quando é vislumbrada, ela se abre em suas imensas e belas possibilidades.

Sejam abençoados, meus queridíssimos amigos. Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.